

## **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea<sup>1</sup>**

Guibson DANTAS<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

Neste texto, o olhar é direcionado à reorientação do campo de análise das Relações Públicas Internacionais (RPI) a partir da interface entre as áreas de Relações Públicas e Relações Internacionais. Nesses termos, para aumentar o escopo analítico, a ênfase recai nos quatro passos a seguir: conceituação, definição do lugar, elemento norteador e classificação das esferas de atuação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações Públicas Internacionais; sistema internacional; campo de análise; atores; imagem pública.

### **1. Introdução**

Os primeiros estudos sobre Relações Públicas Internacionais (RPI) no Brasil remontam à década de 70 do século passado, mais especificamente, aos delineamentos traçados por Avio Arouca Brasil (1977, p. 21):

Um conjunto de medidas, iniciativas, esforços e formas práticas de ação e expressão, que visam obter mais estreito e produtivo relacionamento entre os povos, no sentido de estimular e facilitar o entendimento, a coexistência e a cooperação entre eles; no sentido também de fomentar melhores e mais amplas atividades de intercâmbio comercial e industrial; e finalmente, com o objetivo de ampliar os níveis de cultura geral, através de mútuas facilidades de acesso aos respectivos patrimônios e instrumentos de cultura.

Outra conceituação clássica remete aos estudos de Cândido Teobaldo de Souza Andrade (1994, p. 125), que a partir de sua definição, RPI é entendida como um “método de ação que visa a fomentar a compreensão entre os povos, utilizando-se de técnicas próprias, ajustadas às culturas, tradições e características raciais locais”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidad de Málaga, email: [guibsondantas@outlook.com](mailto:guibsondantas@outlook.com).

Para além dessas e outras acepções, alguns pesquisadores estabeleceram interfaces com outras áreas do conhecimento para fins de construção de um arcabouço teórico para suas análises no âmbito de RPI. Nesse sentido, vale citar o caso de Anely Ribeiro (2004), que consultou algumas correntes teóricas da Antropologia e da Linguística para nortear suas investigações.

Por outro lado, apesar de fazer parte das reflexões da área há mais de quarenta anos, RPI configura uma subárea de estudo ainda pouco explorada em território nacional (FERRARI, 2008), levando-se em consideração a presença e o nível de debate em países como Estados Unidos da América, França, Espanha, Itália e Canadá - que, tal como o Brasil, são importantes produtores de conteúdo na área de Relações Públicas.

Além disso, depreende-se que muitos trabalhos, debates e publicações acenam para a atuação ou a relação das empresas - multinacionais ou transnacionais - com seus públicos no âmbito internacional, em detrimento de outras áreas de interesse de RPI.

## **2. O campo de análise das Relações Públicas Internacionais em quatro passos**

A consolidação da globalização (ARVATI e VENTURA, 2007), aliada ao advento das novas tecnologias digitais de comunicação, ampliaram as possibilidades do campo de análise de RPI em razão da configuração do atual sistema internacional<sup>3</sup>, caracterizado por abrigar múltiplos e diversificados atores em meio a um ambiente anárquico<sup>4</sup> (MEARSHEIMER, 2001).

Dessa forma, propõe-se um novo olhar para o estudo de RPI a partir das Relações Internacionais<sup>5</sup>, por meio de quatro passos: conceituação, definição do lugar, elemento norteador e classificação das esferas de atuação.

### **2.1. Conceituação**

O primeiro passo no sentido de reorientar o campo de análise de RPI é a sua conceituação. Sendo assim, entende-se por RPI um conjunto de atividades e/ou

---

<sup>3</sup> Entende-se por sistema internacional “o cenário em que ocorrem as relações internacionais” (DIAS, 2010, p. 47).

<sup>4</sup> Para Jackson e Sorensen (2018), nas relações internacionais, a anarquia é um conceito oriundo da vertente realista dessa área que, por sua vez, considera a própria ordem mundial como uma liderança, já que não existe governos universais no mundo.

<sup>5</sup> De acordo com Halliday (1999), as Relações Internacionais poder ser interpretadas, genericamente, como o estudo do “internacional”, que se refere aos episódios e ações que acontecem fora das fronteiras nacionais.

estratégias de comunicação empreendidas com o intuito de harmonizar os interesses privados e públicos de um ator<sup>6</sup> dentro do sistema internacional. Com isso, busca-se melhorar a sua imagem perante a opinião pública internacional e demais atores.



Fonte: Elaboração do Autor, 2023.

De um lado, tem-se o ator interessado em lograr seus objetivos (interesses privados) e, de outro, tem-se os atores ou públicos de interesse que configuram o sistema internacional que, por sua vez, também possuem seus propósitos (interesses públicos). É a harmonização desses interesses que converge para o desígnio da subárea em comento.

## 2.2. Definição do lugar

O segundo passo consiste em situar RPI como uma subárea do conhecimento centrada na interlocução entre as Relações Públicas e as Relações Internacionais. Essa interface pode ser entendida como uma tentativa de superar “a inexistência de um corpo teórico que ofereça reflexões sobre o tema” (FERRARI, 2008, p. 1), pois ao estabelecê-la, é possível dispor de conceitos, princípios e teorias oriundas das Relações Internacionais que ampliarão as possibilidades de investigação.



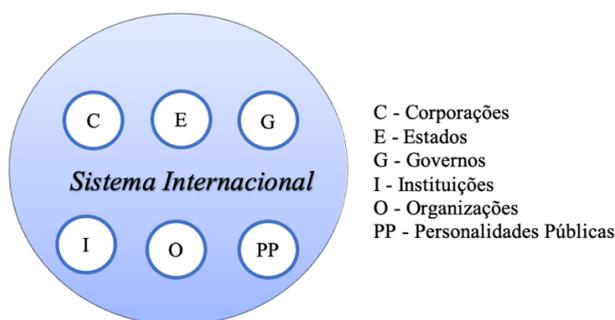
Fonte: Elaboração do Autor, 2023.

<sup>6</sup> O ator pode ser um Estado, um governo, uma corporação, uma instituição, um organismo, uma ONG ou até uma personalidade pública.

Outra vantagem dessa conexão é a inserção nas discussões referentes aos processos de cooperação e conflito da política internacional - que segundo Joseph Nye (2009, p. 04) “é uma política na ausência de uma soberania comum, política entre entidades sem nenhum governante superior”.

### 2.3. Elemento norteador

Como já visto, o sistema internacional é o ambiente próprio das relações internacionais. Dentro desse sistema, circulam vários atores, com características e interesses específicos, que se interrelacionam, formam blocos de ajuda mútua, concretizam alianças e engendram celeumas que tornam esse ambiente um lugar de interesse para várias áreas do saber.

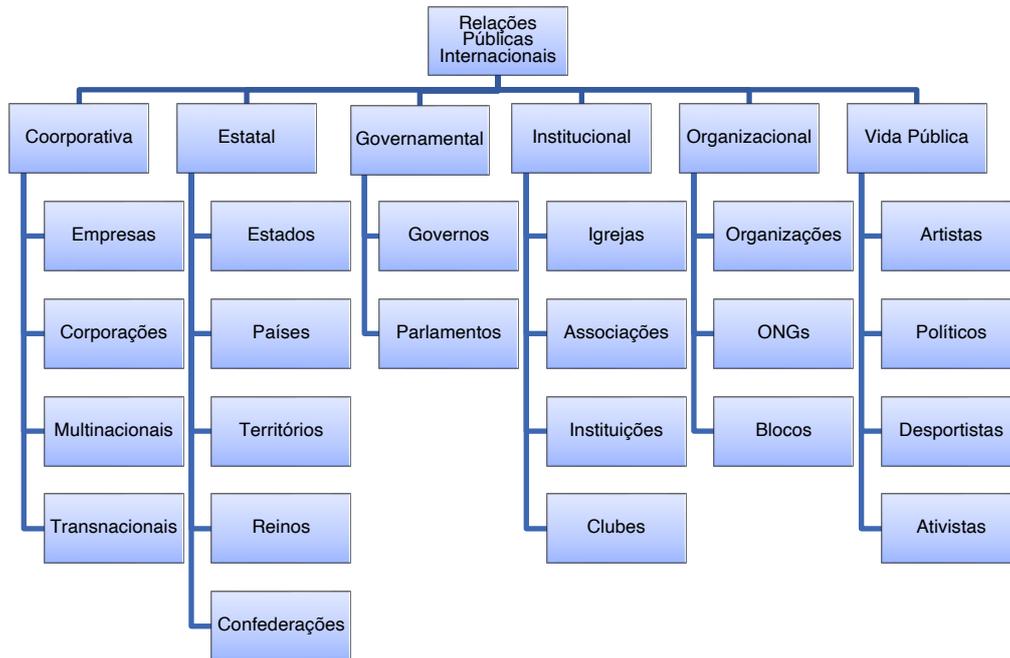


Fonte: Elaboração do Autor, 2023.

Ao estabelecer o sistema internacional como elemento norteador das análises de RPI, as possibilidades de estudo no âmbito dessa subárea aumentam consideravelmente, pois os atores que o compõe - corporações, Estados, governos, instituições, organizações ou personalidades públicas - pertencem a diferentes esferas de atuação, o que amplia o leque de opções para o desenvolvimento de pesquisas sobre temas internacionais na alçada da Comunicação.

### 2.4. Classificação das esferas de atuação

Os atores que conformam o sistema internacional, por sua vez, forjam seis esferas de atuação em RPI: corporativa, estatal, governamental, institucional, organizacional e vida pública.



Fonte: Elaboração do Autor, 2023.

Na esfera corporativa, destaca-se a atuação de empresas, corporações, multinacionais e transnacionais. A esfera estatal é o *locus* no qual emergem os instrumentos de *soft power*<sup>7</sup>, sendo observado o comportamento dos países, com ênfase para a sua política externa e as estratégias de projeção internacional dos mesmos. Na esfera governamental, ganha relevo a paradiplomacia, isto é, o contato estabelecido por um Município ou Unidade Federativa com um agente internacional, com o objetivo de estabelecer, por meio de acordos e tratados, uma ligação entre ambas as entidades (LESSA, 2007).

Na esfera institucional, merecem realce as relações internacionais de instituições religiosas, associativas ou clubes. Na esfera organizacional, ressalta-se a laboração de blocos econômicos e regionais, organizações não governamentais e organizações intergovernamentais, como, por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU).

Por fim, na vida pública, o estudo volta-se para as relações internacionais de personalidades públicas do mundo da moda, do esporte, do *show business*, do ativismo

<sup>7</sup> Também conhecido como poder brando, poder de convencimento ou poder suave, o *soft power* é um conceito criado por Joseph Nye (2004) para descrever a habilidade de um Estado para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

ou até político - caso este não tenha mais vínculo formal com nenhum Estado ou representação governamental, como é o caso de ex-presidentes.

### 3. Considerações finais

Inferre-se que RPI é uma subárea das Relações Públicas que vem granjeando relevante espaço acadêmico-institucional. Com a criação de disciplinas como *Relações Públicas Internacionais* (USP e UFAL) e *Comunicação e Relações Internacionais* (UFRGS) em instituições federais de ensino superior, percebe-se grande interesse discente no tocante à elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso nesse âmbito.

Nessa direção, situa-se o olhar aqui apresentado, pautado por uma proposta de reorientação da subárea, como um esforço heurístico para fins de contribuir com uma ampliação do escopo analítico dos atores que perfazem o sistema internacional.

### REFERÊNCIAS

- ARVATI, Mariana Carolina; VENTURA, Acácia de Fátima. **Diferenças Culturais e Negociações Internacionais: Brasil e Arábia Saudita**. Revista de Negócios Internacionais: Piracicaba, 2007.
- BRASIL, Avio Arouca. Relações Públicas Internacionais. **Revista Comunicação e Relações Públicas**. São Paulo, julho de 1977.
- FERRARI, Maria Aparecida. **A prática das Relações Públicas Internacionais na sociedade contemporânea**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 12 n.12, p. 15-29, jan/dez. 2008.
- HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LESSA, José Vicente da Silva. **Para diplomacia no Brasil e no Mundo: o poder de celebrar tratados dos governos não centrais**. Viçosa: UFV, 2007.
- MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.
- NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.
- NYE, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo: gente, 2009.
- RIBEIRO, Anely. **Aspectos sobre relações públicas internacionais, cultura e linguagem**. NP 05 – Relações Públicas e Comunicação organizacional, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM: 2004.